

EDUARDO GUIMARÃES: UMA POESIA CREPUSCULAR DE CLAREZA METAFÍSICA

Ary Nicodemos Trentin

A obra de Eduardo Guimarães está a merecer um estudo mais sério e mais global. A não ser o ensaio de Mansueto Bernardi, introdutório à edição das poesias completas de Eduardo Guimarães, publicada pela Livraria do Globo, em 1944, são muito escassas as referências ao excelente poeta simbolista que, com Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens, e ao mesmo nível deles, forma a grande tríade da poesia simbolista no Brasil. Os historiadores da literatura brasileira são quase omissos ao tratarem de Eduardo Guimarães e não lhe dão o lugar que lhe cabe pelo valor e mérito de sua obra.

Não pretendemos aqui fazer esse estudo; ele não caberia no âmbito restrito desta Antologia. Vamos apenas proceder a uma introdução à obra de Eduardo Guimarães, com o sentido de apresentá-la, ou de levar a uma leitura desse autor. Para tanto, quatro aspectos serão abordados: 1. A organização do mundo poético; 2. O crepúsculo como núcleo imagístico gerador; 3. A palavra poética; 4. O ideal estético.

1. A ORGANIZAÇÃO DO MUNDO POÉTICO

O símbolo não só sinaliza, mas também constitui a imagem sinalizada. Nisso reside sua força poética e é nessa ambivalência que deve ser entendido como espaço lírico. O mundo poético de Eduardo Guimarães, situado no **tonus** simbolista geral, e, nesse sentido não apresentando nenhuma peculiaridade que fuja às coordenadas simbolistas, organiza-se a partir de alguns elementos

constitutivos que também são próprios do simbolismo: O Amor e a Morte como núcleo central e, como apoios, o outono, o crepúsculo, o sonho, a bem-amada, entre os principais.

Mansueto Bernardi, no ensaio introdutório às poesias completas de Eduardo Guimarães, afirma que "como o seu mestre Dante Alighieri, Eduardo Guimarães é, acima de tudo, o poeta do amor". Essa organização do mundo poético também configura sua perspectiva temática, ou a ela se equivale. Seria possível dizer que o sentimento de Amor e da Morte são as balizas que orientam toda a obra de Eduardo Guimarães, ora andando paralelas, ora fundindo-se num único ímpeto. Mas, ao final, o Amor vencendo a Morte. O tratamento desse núcleo confere a Eduardo Guimarães a marca da classicidade.

Se a vida é bela, ardente e forte,
febre e delírio, ânsia e paixão,
por que, sem causa, adoro a morte
e, um grito ao lábio, espero em vão?
(D.Q., I, 1)

Por que te afastas sempre ao meu passo?
Sou o mundo exilado em teu seio.
Não sentirás jamais meu anseio?
Levam-me o Amor e a Morte pelo braço.
(D.Q., III, 6)

Ah, que importa a saudade
e a tristeza? E este horror? E esta melancolia?
Se breve estou contigo: o és graça, a alegria
da vida: e és a Beleza e és a Felicidade?
(Poemas à Bem-Amada)

Essa reciprocidade entre Amor e Morte, enquadrada num plano romântico simbolista, tem força física e metafísica, isto é, constitui a essência do seu fazer poético. Toda a constelação imagística que serve de apoio a esse núcleo não tem apenas um sentido referencial, não é um movimento de fora para dentro, mas de dentro para fora e, nesse fluxo, constitui e organiza seu mundo poético. Nesse mesmo nível situa-se o tratamento onírico, ou seja, o sonho torna-se espaço vital da poesia de Eduardo Guimarães, como poder de abstração e contemplação, segundo Poe: "Os que sonham acordados enxergam muitas coisas que escapam a quantos não conseguem sonhar senão dormindo. Nas nebulosas visões, logram até conhecer, aqueles, certos escapes da Eternidade e, despertando, estremeçam, ao saber que, por um instante, estiveram à beira do Grande Segredo". A poética de Eduardo Guimarães obedece a esse movimento e com ele fixa suas raízes na lírica clássica.

2. O CREPÚSCULO COMO NÚCLEO IMAGÍSTICO GERADOR

Mansueto Bernardi, no ensaio referido anteriormente, afirma que "a poesia de Eduardo Guimarães não é solar, nem lunar. É tipicamente, religiosamente, sobrehumanamente crepuscular. É uma poesia de penumbra, claro-escuro, meio dia meia noite; uma poesia de sonho, de névoa luminosa, de augúrio, de mistério, de música em surdina, de oração... Eduardo Guimarães é, por excelência, o músico, o pintor e o poeta dessa tonalidade crepuscular".

Divinas tardes da minha terra!
Céus dos crepúsculos sem iguais!

Na solidude dos campos, à hora,
cheia de graça do anoitecer,
tu transmites espaço em fora
o som dos sinos que ensina a crer.

(Canto ao vento Minuano)

É evidente que esse tom crepuscular é local. E nisso reside sua força e sua originalidade. A compreensão e a absorção da luz em Eduardo Guimarães não tem o velamento ou a nebulosidade de outros poetas simbolistas. É uma compreensão lúcida, dir-se-ia, dotada de uma clareza metafísica.

Serenidade. E a calma é como a luz, divina!
Poente a refulgir, aceso e vivo ao fundo,
Que festa de Veneza os charcos ilumina?

Brilha tão claro o azul, que tudo azul parece.
E, derradeiro olhar que a tarde volve ao mundo,
uma estrela azulada e trêmula aparece.

(Nascimento de Vésper)

INOCÊNCIA

Inocência das coisas. Pura
suavidade
da alva que surge. Paz, frescura,
simplicidade.

Nitidez do orvalho. Profundo
céu. Ri-se a aurora...

Milagre. Dir-se-ia que o mundo
nasceu agora.

O crepúsculo é o núcleo imagístico gerador da poesia de Eduardo Guimarães. Trata-se de um movimento que é revelador da

consciência da transitoriedade, conseqüentemente, do próprio tempo. Mas também revelador da própria vida, ou de sua origem: "o mundo nasceu agora". O crepúsculo não é nem dia nem noite. Hora que, se por um lado, não fere a consciência pelo excesso de luminosidade, por outro lado, não atemoriza com a escuridão da noite. O crepúsculo, pois, na poesia de Eduardo Guimarães, como tempo intermediário entre dia e noite, entre noite e dia, é dotado de uma poderosa ambivalência: aguça a consciência da efemeridade, da transitoriedade ou da finitude e propicia o sonho, ou revela a força das origens. Toda a constelação imagística que serve de suporte a esse núcleo gerador tem também luz própria, por refração ou interação com ele. Assim, outono, penumbra, sonho, névoa, aragem, mistério, música em surdina, prece etc., além de suportar as variáveis temáticas, são imagens que organizam o núcleo imagístico gerador.

DESEJO

Desejo, desejo vago
de ser a tarde que expira,
ser o salgueiro do lago,
onde a aragem mal respira.

Ser a andorinha que voa
e vai, ser o último raio
de sol... E o sino que soa.
Ser o frescor do ar de maio.

Ser o eco da voz distante
que além se extingue dolente
ou essa folha que, errante
ao vento, cai docemente...

Ser o reflexo disperso
dum ramo na água pendido,
fluido e belo como um verso
que cante mas sem sentido.

Ser o silêncio, esta calma.
Breve momento impreciso.
Ser um pouco da tua alma...
Um pouco do teu sorriso.

3. A PALAVRA POÉTICA

Palavras de Augusto Meyer, mesmo que cheias de admiração por Eduardo Guimarães, mostram como se elabora seu fazer poé-

tico: "O poeta era uma cerebral. E cerebral irradia em torno a trama sutilíssima dos nervos, recolhe apenas o que pertence ao seu sonho e não lhe fere a sensibilidade. (...) Quando a nossa geração entrou em cena, já tinha definido seu perfil literário como um dos maiores representantes do simbolismo brasileiro. (...) Seu esforço no meio dos imperativos parnasianos fora tão cheio de probidade, mesmo de corajosa renúncia ao aplauso das galerias... Enquanto quase todos construíram por fora, botando na fachada o fim supremo da contemplação, ele se trancou numa casa própria, ouviu a música singular que bem poucos no momento saberiam ouvir. (...) Neste sentido, portanto, e colocado no meio, Eduardo Guimarães deu entre nós a primeira lição de desprezo pela fórmula, seguindo em procura do ritmo. (A palavra não diz nada; sugere). Sua complexidade orgânica achou diretrizes na poética então mais radical: Mallarmé, Semain, Verlaine. Porém, "un coup de dés jamais n'abolira le hasard". E o acaso feliz está nos momentos em que ele esquecia os padrões para cantar com voz autêntica". (*Revista do Globo*, Porto Alegre, 5 de janeiro de 1929).

Uma palavra poética cerebral que despreza a fórmula e parte em busca do ritmo, eis a força do fazer poético de Eduardo Guimarães. Uma palavra poética que não tem funções de geógrafo, mas sim de escultor e anatomista, conforme Mansueto Bernardi, que acrescenta: "Eduardo Guimarães não era nem podia ser um visual. Era um auditivo, um sensitivo, um místico, um visionário. Buscava o principal, desprezava o secundário". Segundo Andrade Muricy, dentre os poetas brasileiros, Eduardo Guimarães foi o poeta "de feições mais assiduamente fiel às raízes européias do simbolismo", na linhagem de Baudelaire, Verlaine, Mallarmé, Maeterlinck, Rimbaud, entre outros, tendo se afastado do cunho clássico português.

Que insônia de paixões vai pela noite afora!
Saudade! — Foi, contudo, o encanto amargurado:
e nem sempre sorriu alguém ao pé de mim!

Nem sempre! Mas que importa o sofrimento, agora?
Quem importa a mágoa toda? E o engano do passado?
Ser feliz, afinal, é ter sofrido assim.

(D. Q., V, 13)

4. O IDEAL ESTÉTICO

Eduardo Guimarães tem a Natureza como ideal estético. Não a Natureza apaixonada e veemente dos românticos, mas a Natureza vista sob o prisma do idealismo que, aliás, é a base filosófica do simbolismo. Historicamente, esse ideal situa-se dentro da estética tradicional ou acadêmica: uma beleza externa, buscada na na-

tureza. Quando se refere ao homem e ao seu interior, o faz através de imagens externas. Portanto, a poesia de Eduardo Guimarães não é uma poesia de auto-consciência, mas de consciência das coisas. Não faz poesia sobre a poesia, mas busca a Beleza como projeção de si mesmo.

Ser reflexo disperso
dum ramo na água pendido,
fluido e belo como um verso
que cante mas sem sentido.
(Desejo)

Meu coração é como um espelho encantado.
Guardo-o: estampada nele a tua imagem presa;
e, ante o êxtase do meu olhar maravilhado,
ah! nada iguala a tua indizível beleza!
(Espelho Encantado)

Evidentemente, como se disse no início dessa apresentação, Eduardo Guimarães merece um estudo mais profundo que ultrapassa o caráter introdutório a que se propõe a presente Antologia. Aqui ficam essas referências para uma leitura do poeta simbolista gaúcho.

ANTOLOGIA

SOBRE O "CANTICO DELLE CREATURE"

Louvido seja o sol! Louvido seja o vento!
Louvada a sombra! E o fogo! E a luz que dele emana,
louvada! E a gleba escura! E o pasto da savana!
E a água pura que extingue a febre do sedento!

Louvido o ar onde foge o vôo largo e lento
da ave que passa! E a dor que abate a fronte humana!
E a noite que adormece a terra e ao céu humana!
Louvido o ouro da ceifa e o azul do firmamento!

Louvada seja a mão que jura, e a que semela!
E a árvore humilde! E o mar esplêndido e profundo!
E a alma que faz cantar S. Francisco de Assis!

Louvido o que constrói, sem medo, sobre a areia!
Louvido seja o amor que os seres move e o mundo!
Louvada sejas tu que amas e que sorris!

MISTERIUM

Nua, mas da espiral nudez de uma Sibila
como um silêncio o olhar, o gesto vago, o passo
lento, sob o esplendor que à tua frente oscila,
vens de que estranho céu, de que longínquo espaço?

Interrogou-te em vão o lábio frio e lasso:
"Quem és? De onde vens tu? Que Deus cruel te exila?
Nós queremos ouvir a tua voz tranqüila!
Faze menos pesado este mortal cansaço!

És como a aparição de algum festim risonho
ou como a Noite azul que, em suas mãos de treva,
traz a rosa sinistra e pálida do sonho?"

— Nada dirás, porém, à dor que nos eleva...
Serás, talvez, o amor e o mal que em si resume:
Onfa'e, Salomé, Desdêmoda, Ulalume?

REMEMBER

Também eu cobicei os frágeis frutos de ouro
desse eterno jardim. Mas aí, não os colhi:
Soube que se faz cinza o mais raro tesouro...
e respirei o odor daquilo que perdi.

De tudo que admirei pelo caminho errante,
trago ainda sonoro o ouvido, alegre o olhar;
a fremir de paixões a memória vibrante,
sonoro o coração de bocas a cantar!

Passai sem ver talvez por muita bela coisa...
Por almas fraternais sem o saber cruzel;
mas sinto agora em mim, como alguém que repousa,
a grave e doce paz que em vão ambicionei.

Noite de insônia à luz da lâmpada: o vello
pelas rimas deserto, à espera da canção
sem palavras que o amor no silêncio divino
sonhava e que exprimir tentara o ritmo em vão!

Que de alvas sem perfume! E ao redor a tristeza
como manhãs de mal: uma névoa outonal...
Sofri — mas se sofri por te achar ó Beleza
das coisas, foi bem justa a causa do meu mal.

E abençoadas voz, horas de sol perdidas!
Rostos que contemplei sem vos sorrir sequer!
Não guarda cada vida um eco de outras vidas?
Qualquer coisa ficou, não a olvida quem quer.

Toques de mãos, notas de voz, gestos de abraços,
tenho a cercar-me ainda o vosso bom calor...
Nem foi em vão que abri, cheio de encanto os braços
para estreitar, que importa! uma sobra de amor!

ESPELHO ENCANTADO

Meu coração é como um espelho encantado.
Guarda-o: estampada nele a tua imagem presa;
e, ante o êxtase do meu olhar maravilhado,
ah! nada iguala a tua indizível beleza!

Mas, a tornar mais belo o teu perfil amado
e dando-te a mais doce e angelical pureza,
haloa-te a Bondade, ao resplendor velado
dessa auréola castanha em raios de ouro acesa.

Guardo-te assim comigo, ao fundo desse espelho.
Oh! toda Boa e toda Linda! E em vão se escoo,
ao pé de mim, o tempo... Olho-te sempre, e ainda!

E nada seu do mundo em que oras e ajoelho!
— Sei apenas que a vida é boa, porque és boa.
Sei apenas que a vida é linda, porque és linda.

VÉSPERA DE NATAL

Bem que dezembro acabe, ainda é primavera
e abrem fadas a porta a um florido vergel.
— Sapatos à lareira e corações à espera!
Sentido! — É meia-noite. Aí vem Papai Noel.
Vem, sem dizer que vem, como o amor.

AO MODO DOS FIORETTI

Doçura do que existe, ó bondade, ternura
das coisas! Sois talvez o visível penhor
do amor que Deus consagra a toda a criatura...
E como as almas sois que se dão por amor!

Relva humilíma, ar casto, água que cantas pura!
E vós, aves da selva! E tu, seixo! E tu, flor!
E vós, cerros que sois os senhores da altura!
E tu, vale — silêncio, aroma, sombra e cor!

Noite de agosto.
Baixa o rosto
sereno e doce.
E o livro, enfado,
junto ao bordado
soltas: fechou-se

Pestanejante...
Não tarde o instante,
dormita quase...
Nos meus ouvidos
tenho os gemidos
da "Morle d'Aze".

Prostrada, lassa,
cheia de graça...
Do meu "estudo",
trégua à sonora
vigília, agora!
Repouse tudo.

Vinde, harmonias!
Ó melodias
de notas graves
adágios leves!
Noturnos breves,
"scherzi" suaves!

Quase velado,
coa o rendado
dum transparente
de linho a lua
que além flutua...
Quarto-crescente.

Noites de agosto.
Pende ela o rosto.
Suspira às vezes...
Romanças! Temas
vagos! Poemas
sútils! "Berceuses"!

Noite de agosto.
No fofó encosto
Sorri tranqüilla.
Profunda calma
dos olhos que a alma
traz à pupila!

Lentas sonatas!
Mandolinatas
de que a voz trine!
Por um momento,
sons do "Convento"
de Borodine...

Notas sentidas
e comovidas
que o amor gorjeia...
Ó nina-nanas
napolitanas,
adormecel-a.

NA TARDE MORTA

Na tarde
morta,
que sino
chora?

a esta hora
triste,
divina-
mente.

Não chora,
canta,
repica,
tine...

Das águas
mortas,
dos campos
quietos,

Dos matos
vago
perfume
sobe

dos bosques
murchos,
dos charcos
secos,

Na tarde
morta,
que sino
dobra?

dos cerros
claros
que se erguem
longe,

Não dobra...
Canta
por simples
gozo

dos ninhos
no alto
dos galgos
tortos...

das coisas
belas
que apenas
vivem,

E sobre-
tudo
das cria-
turas!